



ASSOCIAÇÃO
Santo Mamede

Recordações da Exploração do Volfrâmio em S. Mamede de Ribatua

pág. 8

PÁGINAS DE ANTIGAMENTE

A Febre de Malta
pág. 16

há 100 anos nasceu o
Prof. Dr. João Manuel Coteló Neiva.



pág. 2

COLECTIVIDADES RIBATUENSES, QUE FUTURO?

pág. 6



EDITORIAL

Após um interregno de quase um ano, retomamos o jornal “O Ribatua” da ASM (Associação Santo Mamede) com uma nova configuração.

O que há de novo?

- **O Ribatua é de acesso gratuito** para sócios e não sócios, na edição on-line, em www.santomamede-ipss.org > separador “**Informação Institucional**”.

- **O Ribatua é pago** na edição em papel para os associados que antecipadamente comuniquem a preferência à ASM e efetuem o pagamento, antecipadamente, da anuidade e despesas de envio.

- **Os temas vão ser diversificados e livres** e a responsabilidade dos conteúdos é subjetiva a cada colaborador, com entrosamento da ASM. Pretende-se com isto alargar a visibilidade do jornal e captar a curiosidade e o interesse por quem visita o Ribatua, tendo sempre em linha o objetivo da aprendizagem e do conhecimento.

- **Haverá um espaço no Ribatua** onde poderão perguntar, sugerir ou opinar, por escrito ou e-mail, o que acharem pertinente sobre o assunto escrito. As respostas serão dadas na edição seguinte pelo responsável respetivo - por exemplo na página de direito, poderão pedir esclarecimento de alguma dúvida acerca do tema tratado.

- **Dia 18 de fevereiro fez 100 anos que nasceu o Dr. Coteló Neiva.**

As instituições e pessoas da freguesia de S. Mamede Ribatua associaram-se às comemorações do centenário. O Ribatua expressa o agradecimento pela sua vasta obra e a dedicação a esta terra onde quis ser sepultado.



«Nasceu a 18 de Fevereiro de 1917 na freguesia de Cedofeita, Porto, foi nomeado Professor Catedrático da Universidade de Coimbra em 1949 e seu Reitor entre 1971 e 1974, tendo-se Jubilado como Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Terra em 1987.

Licenciado em Ciências Geológicas com distinção, pela Universidade do Porto, em 1938, onde foi contratado em 1939 como assistente do Grupo de Ciências Geológicas. Doutorou nesta Universidade em 1944, com a tese “Jazigos Portugueses de Cassiterite e Volframite”, onde passou a exercer funções de 1º assistente de 1945 a 1948. Prestou provas públicas para professor extraordinário com a tese “Rochas e minérios da região de Bragança-Vinhais”, em 1948, na Universidade do Porto. Foi Professor Extraordinário nesta Universidade de 1948 a 1949. Em 1949, prestou provas públicas para Professor Catedrático na Universidade de Coimbra, tendo dado a lição “Geologia dos minérios de ferro portugueses – seu interesse para a siderurgia”.

Entre 1950 e 1974, dirigiu o Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra. Foi director do Centro de Estudos Geológicos (1950-1975), do Agrupamento de Estudos Geológicos do Ultramar (1954-1974) e do Centro de Estudos de Mineralogia e Geologia de Coimbra (1958-1974).

Colaborou com os Serviços Geológicos de Portugal desde 1940, Serviço de Fomento Mineiro (1945-1963) e Laboratório Nacional de Engenharia Civil (1962-1964). Foi membro do Conselho Superior de Minas e Serviços Geológicos (1958-1974), do Centro de Investigação Científica do Instituto de Alta Cultura (1964-1973) e da Junta Nacional de Educação (1971-1974).

Foi director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, entre 1963 e 1971, onde se destacou pela reforma das várias licenciaturas, pelo desenvolvimento da investigação e pelo apetrechamento didáctico.

Entre 1971 e 1974, assumiu o cargo de Reitor da Universidade de Coimbra, tendo protagonizado o

crescimento físico e orgânico da Universidade, com a transformação da Faculdade de Ciências em Faculdade de Ciências e Tecnologia, a criação da Faculdade de Economia e deixou organizado o processo de criação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Desenvolveu os Serviços Sociais para os funcionários e estudantes, tendo sido responsável pela instalação de serviços de benefícios múltiplos.

A sua atividade académica é marcada pela investigação nos domínios dos recursos geológicos, nomeadamente, das mineralizações e dos jazigos minerais e dos processos geoquímicos associados, bem como da geologia de engenharia, relacionada com a cartografia geológica e geotécnica e com o comportamento geomecânico dos materiais.

Realizou estudos geológicos e petrográficos em Portugal continental, Porto Santo, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor. Estudou jazigos minerais e pedreiras em Portugal, Angola, Moçambique e Goa.

Foi consultor dos principais projetos hidroelétricos em Portugal e nas ex-colónias, desde 1957, onde marcou as equipas multidisciplinares de projeto e construção

das principais barragens, tendo mantido essa atividade até 2002.

A sua bibliografia é composta por 203 trabalhos científicos publicados e 334 relatórios de Geologia Económica e de Geologia Aplicada, os quais tiveram impacto nacional e internacional.

Foi um dos fundadores da Sociedade Geológica de Portugal (1941) e da Sociedad Española de Cristalografía e Mineralogia (1975).

Na Academia das Ciências de Lisboa, foi Membro Correspondente de 1983 a 1987, Membro Efectivo de 1987 a 2013 e Sócio Emérito de 2013 a 2015. Foi Sócio Emérito da Academia de Engenharia de 2009 a 2015.

Foi-lhe concedido o grau da Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública por Sua Excelência o Presidente da República, em 2003.

Em 2015, a Sociedade Geológica de Portugal instituiu o prémio Coteló Neiva destinado a homenagear e distinguir a carreira científica e/ou profissional de um geólogo português.)

Texto extraído da página oficial da Universidade de Coimbra

Assumimos que seria ótimo haver mais colaboradores a partilhar conhecimento, vivências, opiniões, fotos entre outros, que demonstrem ter capacidade de nos enriquecer e tornar mais sábios.

António Rocha
(Presidente da Direção da ASM)

A ASSOCIAÇÃO SANTO MAMEDE

Crescer para servir toda a comunidade é a nossa grande missão.



MUITO OBRIGADO!

A Associação Santo Mamede (ASM) centra a sua atividade no Serviço de Apoio Domiciliário, resposta social que consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados ao domicílio, trabalho que dirige à população mais vulnerável da Freguesia de S. Mamede Ribatua. No entanto, a Direção da ASM estabeleceu como prioridade o envolvimento da comunidade nas atividades da instituição. Para tal, o ano de 2016 foi fundamental, com a abertura de uma série de serviços que, para além de otimizarem a resposta aos seus utentes, tem captado a atenção de toda a população.

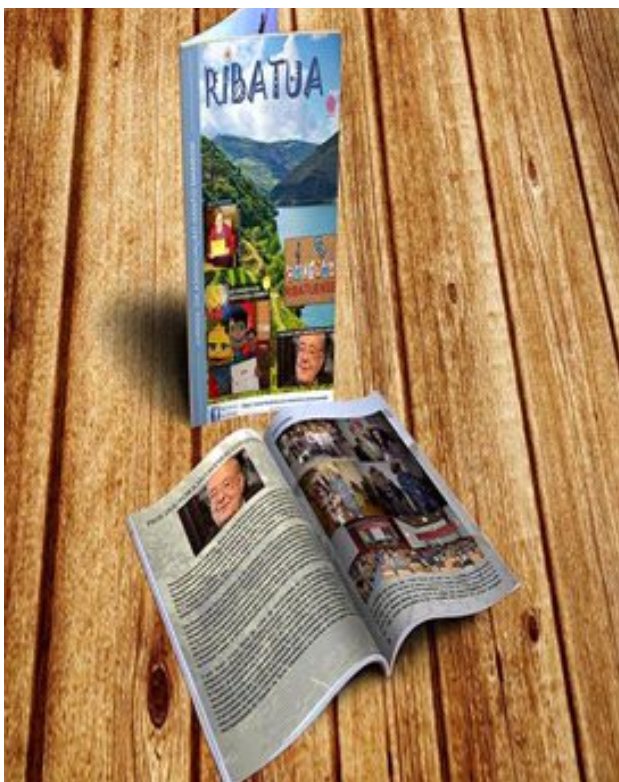
Assim, gostaríamos de sublinhar três serviços inovadores na freguesia e no Concelho de Alijó. Primeiro, a criação de um espaço de informática, ao abrigo do concurso EDP Solidária Barragens 2014, denominado Espaço Click Maior, que se trata de um projeto fundamental para o combate à infoexclusão de toda a população, por um lado, e permite perseguir o paradigma do envelhecimento ativo, nomeadamente na ótica da aprendizagem ao longo da vida, permitindo ao idoso alcançar maior autonomia, participação social, conhecimentos e desenvolvimento pessoal.

Depois, a Sala de Convívio e o Espaço Desportivo, inseridos no projeto Sentir Mais, vencedor na 12ª edição da Missão Sorriso – Continente, na componente de envelhecimento ativo. Esta sala foi construída a partir das instalações do antigo Centro de Saúde de S. Mamede Ribatua, entretanto extinto. Pretendemos que este espaço, para além de cumprir os seus objetivos primordiais de natureza social, lúdica, educativa e artística, posso também

Já a necessidade de uma componente desportiva fez nascer um projeto muito especial, um ginásio geriátrico, que servirá os utentes, na promoção de um envelhecimento ativo e no combate ao isolamento social, mas permitirá também construir na população o paradigma de uma vida saudável, combatendo o sedentarismo e os riscos que lhe estão associados.

Joana Leite
(Diretora Técnica da ASM)





UMAPÉROLA LINDA

A – Quadro geral

A população de São Mamede de Ribatua está envelhecida. A aldeia perde gente para Alijó, Vila Real, cidades do litoral, estrangeiro. À sede do distrito acorre gente do distrito, mas de todo o distrito foge gente para fora. É uma sangria contínua, ora mais rápida ora mais lenta.

A Associação Santo Mamede (pérula da aldeia mais linda deste país) dinamiza atividades físicas integrantes da população mais idosa (gerontomotricidade) e poucas são as instituições, nesta região, que acolhem e integram socialmente os mais velhos, que são também, conjuntamente com as crianças, os mais carecidos de apoios. A desertificação e o envelhecimento são realidades impetuosas em S. Mamede de Ribatua. Há pois que integrar e assim dinamizar a coesão social.

É o que faz esta associação, designadamente quando realiza atividades de “gerontomotricidade-intergeracional”. Impulsiona ainda a prática gímico-desportiva com convivência social, atenuando a discriminação e exclusão dos seres humanos mais frágeis da comunidade. Estimula o envelhecimento ativo, saudável e prazeroso, proporcionando aos sócios, dinamismos de realização pessoal com participação ativa na vida comunitária.

B – Contributos para a saúde e o bem-estar social

As atividades de “gerontomotricidade” desenvolvidas na associação fomentam a autoestima, uma auto-perceção mais realista e feliz, o bem-estar subjetivo, ajusta o humor, a emoção alegre, o controlo do stress e da ansiedade – componentes da saúde mental que a associação reforça, influenciando e regulando o bem-estar físico, mental e social dos seus utentes mediante a implementação de princípios lúdicos e de esforço partilhado (cooperação, espírito de entreajuda, superação individual). O que reforça nos participantes a função cognitiva, a coordenação, o bem-estar, o bom sono. E retarda ou atenua a degeneração, pelo desuso e lentidão psicomotora, do envelhecimento.

O declínio do sistema neuromuscular, com a atrofia muscular que resulta da redução de capacidades (como a força máxima, a potencia, a velocidade, a flexibilidade e a precisão dos movimentos), são realidades tomadas em conta na orientação das atividades dos utentes da associação – procurando-se, sempre, minimizar os riscos inerentes ao processo de envelhecimento do aparelho osteoarticular, cujos efeitos diretos na estabilidade/mobilidade são uma evidência do conhecimento comum.

Praticamos exercícios estimulantes de um correto comportamento postural, focados no equilíbrio, no controlo dos ângulos do corpo, na oscilação e nos limites de estabilidade.

Têm-se em conta os princípios de uma correta administração de exercícios físicos aos idosos, nomeadamente no que se refere ao funcionamento da coluna vertebral, da bacia, da anca e do joelho.

C – Plano de gerontomotricidade-intergeracional e sistema de treino

1) Propósitos da atividade de gerontomotricidade-intergeracional

As atividades de gerontomotricidade-intergeracional incluirá familiares ou amigos dos utentes da associação, com idades diversas – filhos, netos, vizinhos –, assim se estimulando, a partir dos idosos, a convivência, cooperação e entreajuda entre gerações, tão em voga nos países europeus mais desenvolvidos (Dinamarca, Finlândia, Alemanha).

O plano de “gerontomotricidade-intergeracional” da Associação Santo, visa harmonizar a convivência social com as escolhas e decisões político-comunitárias. Destina-se, pois, a pessoas de todas as idades, mas sobretudo idosos, com aptidões físicas, afetivas e intelectuais diferentes – tendo sempre em vista a atitude dos participantes bem como ajudar a acrescentar a uma população envelhecida e deprimida, felicidade, liberdade, gozo e capacidade de superação de dificuldades.

2) Sistema de treino

O estabelecimento de um sistema de treino regular e constante de gerontomotricidade, com recurso à piscina municipal para desenvolvimento de práticas de hidromotricidade (hidroterapia e hidroginástica intergeracional), canto, teatro e dança (adaptados), permitirá descobrir, renovar, reforçar e consolidar as capacidades de desempenho dos utentes, melhorando também a saúde em geral e as competências sociais da população participante. Por esta via se tentando também reforçar os padrões de integração e conforto dos participantes, com todas as suas implicações para a alegria de viver e a qualidade de vida.

Pedro Bastos
(Prof. de Ginástica)



O associativismo é um conceito que faz parte do dia-a-dia dos Ribatuenses, pois, de forma voluntária, sempre souberam dar corpo às ideias de criar e desenvolver actividades em prol da comunidade.

Apesar das manifestas adversidades que ao longo dos tempos “assombraram” a continuidade de algumas das mais nobres actividades, acabava sempre por emergir um forte crer no seio da população que permitia manter viva a chama da continuidade e da esperança num futuro mais próspero.

Outrora, a população, mais jovem e em maior número, apesar das parcas condições materiais, respondia em uníssono sempre que era chamada a participar nas manifestações de índole recreativo, cultural e desportivo que eram organizadas na aldeia. O povo ansiava por essas actividades...

Mas o tempo não pára...e as novas gerações aí estão com nova mentalidade, mais conhecimento, mais liberdade de escolha, mas também mais encurralada pelos protótipos de desenvolvimento de uma civilização global e



neocapitalistas, onde o egocentrismo e o culto da imagem dominam e proliferam, arrasando com os princípios e uma cultura de entreajuda e solidariedade que sempre estiveram presentes nos meios rurais e mais desfavorecidos.

As políticas de desinvestimento no interior do país e a consequente falta de trabalho, obriga os jovens a partir sem regresso marcado, originando uma drástica diminuição na população e um consequente envelhecimento. A nossa freguesia não foge à regra e as consequências são visíveis, pois num curto espaço de tempo encerraram os bombeiros, a escola primária e o centro de saúde.

Em sentido contrário e numa tentativa de remar contra a forte maré da desertificação encontram-se as instituições em que os Ribatuenses sempre depositaram muita fé, nomeadamente a Banda Filarmónica, o Grupo de Teatro, a Associação



Santo Mamede e o Grupo Coral; embora noutro âmbito não podemos esquecer a comissão de festas a feira da laranja, as marchas populares e outros movimentos culturais espontâneos que vão emergindo no seio da população.

Um olhar mais atento ao funcionamento destas instituições, em particular a Banda e a Associação Santo Mamede, que têm uma actividade constante e obrigações mensais fixas, designadamente com pagamento de salários, podemos constatar a luta diária que os seus dirigentes travam para que possam honrar os seus compromissos e obter apoios, quer estes sejam de ordem monetária, quer sejam ao nível da colaboração e do voluntariado.

A gestão destas instituições já requer muita disponibilidade, capacidade e conhecimento das áreas de actuação, pelo que é imperioso que uma Direcção seja constituída por um grupo coeso, polivalente e acima de tudo com espírito de missão, dar sem estar à espera de algo em troca...



mas os tempos mais recentes denotam que começa a existir grande dificuldade em formar listas que reúnam pessoas com disponibilidade, convicção e dinâmica suficiente para manter e se possível desenvolver essas instituições.

No entanto, apesar das diversas dificuldades, que são comuns a todas, raras são as situações em que os seus dirigentes tomam iniciativas conjuntas no sentido de coordenar esforços e estabelecer acções onde todos ficassem a ganhar, principalmente a comunidade.

Em face das evidentes dificuldades, que cada vez mais se vão fazer sentir, dada a situação económica e social do nosso país, porque não parar para pensar, reunir, definir estratégias conjuntas e acima de tudo colocar as instituições e a comunidade acima de quaisquer outros interesses.

Existem infra-estruturas, meios técnicos e ferramentas, bem como meios humanos que poderiam ser partilhados entre todas as colectividades, mas acima de tudo criar o hábito de organizar conjuntamente alguns eventos de forma a torná-los mais participativos.

Imaginem, por exemplo, uma semana cultural ou uma feira da laranja ou mesmo uma comissão de festas organizada conjuntamente por todas aquelas colectividades, com auxílio possível da Junta de freguesia, partilhando tarefas em função das mais-valias de cada uma delas ... utopia?...assim haja vontade e certamente a comunidade sairia a ganhar.

Indo um pouco mais longe...porque não a “fusão” de algumas daquelas colectividades, concentrando recursos e “massa crítica”...

José Mário Morais
(Presidente da Mesa da AG da ASM)

O volfrâmio é um elemento químico com o símbolo W e o número atómico 74. Este elemento químico foi fundamental no período da 2ª Guerra Mundial para a indústria do armamento, sobretudo pela capacidade de resistir às altas temperaturas. O volfrâmio, também conhecido como ouro negro, foi alvo de cobiça pelos Britânicos e Germânicos, que lutavam pelo controlo do volfrâmio português.

Por terras ribatuenses o volfrâmio ficará sempre ligado às memórias relacionadas com a segunda Guerra Mundial, seja pelo trabalho desenvolvido nas minas, seja pelas histórias que se perpetuam até aos nossos dias. José Fonseca Moutinho da Silva, o Sr. Zé Latas como é conhecido por todos, tinha 13 anos quando rebentou a guerra. Por essa altura trabalhava para os Comboios de Portugal, tendo como função distribuir água pelos trabalhadores que estavam na trincheira do Tua. Teve o seu primeiro contacto com as minas por intermédio do seu pai, que entretanto já lá trabalhava como vigilante na exploração.

O Sr. Zé desempenhou várias funções nas minas, tendo começado por transportar as brocas, os compressores e os martelos.

Depois, com a abertura da empresa que lavava a terra que provinha das escavações, começou a desempenhar o papel de gigador, isto é, trabalhava com um instrumento designado giga que servia para apanhar o minério pequeno para depois se passar nas caldeiras já com pouca água.

Mas nem só no masculino se fazia a exploração do minério. De acordo com a D^a Maria do Céu Morais foi devido ao volfrâmio que não terminou a quarta classe antiga, já que deixou os estudos para se dedicar a esta atividade. Tinha 9 anos e, segundo afirma orgulhosamente, tinha muito jeito para lavar. A sua função não era mais do que procurar da terra que ficava da extração – essa feita com dinamite e compressores – vestígios de volfrâmio ou estanho, o segundo minério mais importante na zona.

De acordo com o Sr. Zé Silva, na Serra da Lousa havia um filão destinado exclusivamente para a extração de material para construção de metralhadoras.



O fim da segunda grande guerra trouxe consigo o fim da exploração do minério. Contudo, ainda é possível perceber vestígios da exploração em múltiplos pontos em torno de S. Mamede Ribatua.

Dito por uma pessoa contemporânea da época, infelizmente já falecida, um dia antes de acabar a guerra, mais ou menos pelas dezoito horas, na hora de despegar do trabalho mineiro, desciam pela rua da Capela (Senhor do Calvário) mais de seiscentas pessoas, diariamente. No dia seguinte ao fim da guerra não havia ninguém a descer por aquela rua.

ReportagemASM





Por razões profissionais, tive oportunidade de visitar Berlim em várias ocasiões desde 1980 assim como o privilégio de ter estado presente no fim de semana da queda do seu muro em 1989 (9 de Novembro). Também presenciei o renascimento desta cidade após esta data.

Antes do muro ter sido destruído, podiam-se ver os grafites e pinturas do lado ocidental a chamar a atenção para o grotesco da situação. Deste modo associavam-se o protesto e a esperança de que houvesse um dia o fim para aquele muro. Nas torres colocadas pelas autoridades ocidentais perto do muro podia-se ver por cima do muro o aspeto militarizado vigilante do muro. A rede do metropolitano continuava a operar cobrindo ambas as zonas da cidade só que algumas estações estavam desativadas nas linhas que eu usava na parte ocidental da cidade. Quando atravessavam pontos da parte oriental nesse período eu costumava visitar o outro lado do muro com visto de 24h que incluía ver museus de arte e história. Aproveitava para me aperceber como se vivia lá e na incongruência daquele muro a dividir pessoas. Ouvia histórias pessoais de famílias separadas e as notícias na imprensa relatavam de vez em quando dramas pessoais assim como alguns sucessos nas tentativas de travessias.

A 9 de Novembro 1989 tudo mudou de repente pelo que aqui partilho a minha experiência de Português desta aldeia de S. Mamede Ribatua perante esse muro. Naquela semana, estava reunido em Berlim a convite da Deutsche Telekom com investigadores Europeus num projeto de inovação na área das telecomunicações e informática. Os rumores iniciais de que algo se estava a passar para a abertura do muro foram confirmados por notícias na rádio e televisão. Nos intervalos das reuniões, os colegas alemães traduziam para inglês as notícias, ainda céticos sobre o que se passava, pois pensavam tratar-se de



propaganda sem consequência na vida real. Alterei o meu bilhete de regresso a Bruxelas de modo a prolongar a minha estadia pelo fim-de-semana que acabou por ficar histórico como o da queda do muro.

Durante o fim de semana fiz parte da multidão que festejava a abertura do muro e início da sua destruição que durou dia e noite num ambiente eufórico, pacífico e mágico.



Numa rua a multidão cantava canções ocidentais como "John Brown's body" e noutra ouvia-se a "Internacional" com conotação ao espírito do outro lado do muro. Acolhia-se entre abraços quem vivia do outro lado do muro. Parecia milagre que um muro alto muito vigiado e quase inexpugnável uns dias atrás era agora local de passagem e festa enquanto se iam abrindo brechas com o que se tivesse à mão mais a ajuda das autoridades de ambos lados do muro com algumas máquinas. Eu ainda guardo um pequeno fragmento daquele muro que obtive com ajuda de uma picareta emprestada por um desconhecido e que se passava de mão em mão. Nas ruas festejava-se e os guardas do muro deixaram de ter um rosto duro e sorriam: o que parecia impossível estava a acontecer à minha volta. Havia uma curiosidade de nos conhecermos com partilha espontânea de vivências, histórias e sonhos dos dois lados do muro. Dos que chegavam à parte ocidental desta cidade naquele fim-de-semana uma parte regressava às suas casas e empregos do outro lado. Alguns ficavam para tentarem a sua sorte na parte ocidental da cidade. Quando regressei de madrugada ao hotel, encontrei a receção com todas as cadeiras ocupadas com alemães a tentarem descansar de uma longa festa.

Nas visitas que fiz nos anos seguintes a Berlim fui-me apercebendo que o traçado do muro ia desaparecendo. O esforço urbanístico e a mobilidade da população foi homogeneizando a cidade. Podem-se agora comprar pequenos pedaços de cimento pintado como recordação dos antigos grafites numa cidade reunida e cosmopolita.



Santíssima Mãe de Deus, nós invocamos-Te como Mãe da Igreja, Mãe de todos os cristãos que sofrem.

Suplicamos-Te, que por Tua ardente intercessão faças cair este muro, os muros dos nossos corações e todos os muros que geram ódio, violência, medo e indiferença, entre os homens e entre os povos.

Tu que pelo Teu Fiat esmagaste a antiga serpente, junta-nos e une-nos sob o Teu manto virginal, protege-nos de todo o mal e abre para sempre nas nossas vidas a porta da Esperança.

Faz nascer em nós e neste mundo a Civilização do Amor que brota da Cruz e da Ressurreição de Teu Divino Filho, Jesus Cristo, nosso Salvador, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amen.

Ícone da Mãe da Igreja, pintado sobre o muro da separação entre Jerusalém e Belém

Apoc. 12

Na altura em que se fala no erguer de muros que separem populações é bom lembrar esta História recente que mostrou o absurdo do muro de Berlim. Cada um de nós tem de contribuir para que muros não se ergam entre nós no nosso dia-a-dia. Aproveitando o espírito Natalício de amor e harmonia entre a humanidade tentemos também acabar com muros absurdos como na Palestina, onde se podem ver grafites de esperança como o Ícone da Mãe da Igreja, pintado no muro da separação entre Jerusalém e Belém.

Manuel do Carmo Guimarães Monteiro





DESEJOS MÚLTIPLOS DA DEUSA JUSTIÇA!

Introdução

Foi-me pedida uma colaboração, preferencialmente na área do direito, pelo jornal da Associação Santo Mamede. Muito honrado, tentarei corresponder com todo o gosto.

Penso há muito que a formação jurídica do povo português deveria ser preocupação fundamental da ação governativa, designadamente do Ministério da Educação, da Segurança social e das autarquias. Na verdade, os homens relacionam-se em sociedade sobretudo através da prática de atos jurídicos, de diversas naturezas e formatos. Pode mesmo dizer-se que o direito é a gramática da vida social. Do mesmo modo que, para falarmos, organizamos as palavras em frases segundo princípios e regras gramaticais, também para nos relacionamos com os outros, com as instituições e com o Estado temos de seguir regras e princípios jurídicos. E é assim em todas as vertentes da nossa vida.

Se pedimos e nos for servido ao balcão um bagaço no Café da Paz, celebramos no ato um contrato (meramente verbal) de compra-e-venda, melhor, um contrato de prestação de serviços que inclui o fornecimento de um bem de que logo passamos a ser donos, que em princípio logo pagamos e logo consumimos. Pagamos o serviço e o bagaço que está 'lá dentro', pois. Se pagarmos antes, temos direito à entrega da coisa, para a beber. Se a bebemos antes de pagar, fica o Sr. Álvaro com o direito ao pagamento do respetivo preço.

Se comprarmos 1kg de arroz, celebramos um contrato de compra-e-venda com o dono da loja por via do qual ficamos com a obrigação de pagar o preço estipulado e com o direito de receber o quilo pretendido.

Se trabalharmos para alguém, agimos no âmbito de um contrato de trabalho, devendo quem recebe essa prestação laboral pagar-nos a correspondente retribuição salarial.

Os casados dormem com a mulher no cumprimento de um contrato de casamento de que decorrem direitos e obrigações – razão pela qual, aliás, à medida que a censura social afrouxa, vai o dito caindo em desuso (o que permite evitar inúmeras complicações futuras!). Quando morremos, os nossos filhos e o nosso cônjuge sobrevivente recebem em princípio todos os bens que deixarmos à data da nossa morte.

Se infringirmos as regras da circulação rodoviária sujeitamo-nos ao pagamento de uma coima, pois ao direito de circularmos na estrada corresponde a obrigação de cumprimento das regras de organização social dispostas para esse fim. Se matarmos, violarmos sexualmente, agredirmos, ameaçarmos, coagirmos, corrompermos seja quem for, se assaltarmos um banco, uma casa, uma velhinha, se difamarmos ou injuriarmos assim ofendendo a honra de alguém, enfim, se praticarmos alguma das condutas proibidas e punidas pelo direito penal, somos condenados na pena correspondente pois temos o dever fundamental de não cometer tais crimes.

Se colocarmos uma cerca em redor do nosso prédio, estaremos a delimitar um bem que nos pertence, que podemos dominar e possuir com exclusividade – e a protegê-lo de devassas de terceiros –, por força das regras dos direitos reais. Se quisermos construir uma habitação, pois teremos que solicitar a necessária autorização às entidades administrativas competentes e de aguardar decisão – que será dada segundo os critérios e ditames do direito administrativo. Pagamos impostos porque somos sujeitos passivos de obrigações fiscais, ditadas pelo direito fiscal.

A Assembleia da República legisla e o governo e as autarquias governam nos termos definidos, no topo, pelo direito constitucional. Ou seja, não há área da nossa vida que não seja regulada – ao menos por determinação dos limites da licitude – pelo direito.

Mas perpassa o direito mesmo o âmbito das relações pessoais mais íntimas? Sim, sempre. As prestações afetivas, amistosas, sexuais têm de ser voluntárias, pois todas as pessoas são titulares do direito, irrenunciável e que mantém preservado (sempre), à liberdade, o que inclui o direito à autodeterminação afetiva e sexual.

Pois bem, mas se assim é, seríamos todos melhores cidadãos, mais cumpridores, mais cientes dos nossos direitos, mais respeitadores dos direitos de terceiros, mais exigentes com as instituições – e funcionariam estas, por isso, melhor –, se o direito fosse ensinado desde os primórdios dos bancos das escolas. Tenho para mim que, se assim fosse, seríamos um povo mais livre, mais ousado, menos corrupto, mais respeitador, mais culto.

O direito criminal, por exemplo, protege os bens jurídicos essenciais da comunidade: a vida, a liberdade, a integridade pessoal (física e psíquica), a honra, a dignidade, o património (etc.). Ora haverá melhor maneira de proteger e edificar a sociedade de acordo com os próprios valores ético-jurídicos que reputa essenciais do que ensinando às crianças e aos jovens, direito penal?... Não me parece.

Desafiado pois a contribuir para a redação do jornal da Associação Santo Mamede com artigos de cariz jurídico, vou tentar organizar nas suas páginas uma espécie formação jurídica básica, um vislumbre profícuo das matérias do direito. A minha preocupação não será sobretudo transmitir conhecimentos avulsos, mas antes, sim, facultar ferramentas ou critérios que permitam integrar conhecimentos que de antemão todos nós já temos.

Mas este contributo pretende ser também rebatido, debatido, posto em causa. Quer dizer, neste espaço que vai agora abrir-se terão cabimento todas as

discussões. E quem quiser participar, discordando, acrescentando, pondo em causa, criticando, é muito bem-vindo: pode comunicar ao jornal o que bem entenda e as questões que assim levantar ou desejar ver versadas, pois serão tratadas ou pelo menos publicamente enunciadas com o desenvolvimento possível.

Muito obrigado, pois, à Associação Santo Mamede, por me permitir tentar ser útil. E muito obrigado também a quem tiver a paciência de me ler. Pela minha parte, tentarei compensar jornal e leitores com qualidade, pelo menos, de intenções...

José Abreu Fonseca – Filho
Advogado

DA "CAPITAL DA CULTURA"

(...) num remoto dia de Dezembro, mourejando na vareja da azeitona, numa propriedade, junto ao rio Tua, sossegado o estômago por mata-bicho, de pão centeio, alheira assada e azeitonas, regado a água-pé, confrontou-se com a insólita atitude do jornaleiro que o servia na ocasião:

– Senhor Jaquim, desculpe lá, mas tenho de me ir embora...

– O quê, homem de Deus... Tens alma de me abandonares! – atirou a albarda ao ar, no linguajar do povo da freguesia, o desapontado lavrador, a ferver de indignação(...)

– O meu filho, o Humberto, passou mal a noite, vou com ele ao doutor.

Perplexo, agora é que o senhor Joaquim não compreendia nada.

Se o menino estava doente por que não o levava ao médico logo pela manhã! Já que era assim fosse à sua vida, a saúde da criança estava em primeiro lugar.

De semblante fechado, arrebatava a rija vara de castanheiro, num gesto brusco de nervosismo indisfarçável, e desata à bordoadada nos indefesos ramos prateados da oliveira mais frondosa, da variedade madural.

Marosca! Ali havia marosca tão certo como ele se chamar Joaquim. O corno ia assaltar-lhes a casa – berrou desalmadamente. – Perdido por dez, perdido por cem. A azeitona ficasse para os tordos. A mulher, querendo, apanhasse alguma do chão, com a ajuda do filho carregasse o macho e à noitinha fosse para casa porque ele ia atrás do filho da puta. Por bem dava o sangue dos braços agora por mal... Até o sangue lhe comia!

De cenho feroz, intempestivo, arremessou vigorosamente a vara ao chão e insensível aos rogos da consorte e do rebento disparou, a passo de galgo, calçada romana arriba, a serpentear por luxuriantes ladeiras de laranjais e olivedos.

A temperatura fresca incitava a gloriosas correrias, mas o lajedo irregular e o traçado íngreme desaconselhavam de todo tais pressas. Esbaforido, com os boches a eclodir pela boca, arfava penosamente ao ritmo do pára, corre e do corre, pára, a dosear o esforço.

Joaquim... Joaquim! – Intrigados, bradavam-lhe dos olivais, à passagem, os vizinhos, mas nem Joaquim nem Maria... Os gritos mais o aferroavam. Como que ensandecido, estugava a passada, insensível ao desconforto da camisa de flanela encharcada de suor.



Só às portas do córrego, praticamente com a meta à vista, o bólido encostou às boxes.

Problema de pneu? Não, de todo. As brochas dos tamancos se bem que aqui e além acendessem faísca na fricção do empedrado, garantiam-lhe, seguramente rodado firme para as exigências do Grande Prémio (...).

– Ai os meus seiscentos mil réis! – irrompeu como ciclone, rumo a casa, aos berros – O fajardo roubou-mos...

Sofregamente trepou os degraus da escada de granito de acesso ao patim, fronteiro à porta de entrada; ao primeiro olhar, confirmou o arrombamento, à força de pé-de-cabra, e mais esperneou, de todo histérico.

Dava um tiro ao grande corno, mal lhe pusesse a vista em cima. Comia-o o vivo. Até o sangue lhe chupava.

Outras ameaças. Mais. E mais. E ainda mais...

Antes do mais, inspeccionou o cofre. O cofre! Uma velha cafeteira furada de folha-de-flandres que sem outro préstimo bizarramente fora promovida a guardajóias da família.

De tão vetusta ninguém tivera alma de a deslocar do seu sítio.

A cafeteira lá jazia prazenteiramente pendurada no louceiro de pinho, forrado a papel de jornal recortado em bicos, no sítio de sempre, à vista, logo à entrada.

Trémulo, introduziu-lhe o polegar e o indicador da mão direita, à guisa de pauzinhos chineses e ao tacto das notas, no júbilo do alívio, maquinalmente persignou-se e rezou um Padre-Nosso.

Bendito Senhor! (...)

Instintivamente palpou as notas, agora depositadas no bolso interior do lado esquerdo do casaco, bem junto do coração que o dinheiro era o sangue da república. Este conforto, como por magia, teve o condão de o catapultar para os píncaros do optimismo.

– O dinheiro ainda cá canta, o fajardo larpou palha! – ria desalmadamente, a reinar com a situação.

Porém, breve, breve, baixou à terra. Sem dúvida que em sua casa morava a pobreza. Porco, nem vivo nem morto! Presunto, salpicão ou linguiça: não houvera perigo de o patife lhes meter o dente! O dinheirinho sossegava-lhe no esquerdo...

Ainda assim, pobreza sim, mas tão absoluta não. Decerto o gatuno não partira de mãos a abanar.

Sofregamente empurrou a porta do outro quartito, embora menos remexido, merecera igualmente visita. Atentou na tampa escancarada da arca de madeira, depósito do enxoval da esposa: as roupas pareciam rodilhas de tão revolidas! A caixa de papelão arrumada, ao lado, desaparecera. O ladrão roubara o serviço de chá!

– Ai o bandido! Agora passou a beber chá....Não. Chá só de parreira. O patife quer o serviço para o trocar por moeda!

E nesta certeza, com fragor fechou a porta de casa, chamou o taxista, rumou à vila de Alijó, bateu à porta da Tita Pechinchas.

Pedia muita desculpa, não sabia que o serviço era roubado. E mais disse outras honestidades, próprias do ofício que diga-se, em abono da verdade, à época, não capitalizava mais-valias tão chorudas como actualmente, à conta da exploração dos infelizes caçados na teia da toxicod dependência.

– Treta de cardenho! O meu macho é mais honesto que você...Já tem idade para ter vergonha! – zurziu impiedoso na receptadora.

– Eu não fiz mal a ninguém. O homem fez-me um preço, eu achei bem e comprei. Ia lá saber que o artigo era roubado! – respingou a gananciosa a dar-se ares de impoluta.

– Grande estupor, é mais ladra do que próprio ladrão e ainda se está a armar ao pingarelho! – faíscou de raiva, de rosto congestionado, na raia do descontrolo. – Se não fosse cobardia bater numa mulher esborrachava-lhe o focinho, sua cabra!...



Apaziguador, um homem, na flor da idade, que presenciava a cena, despejou-lhe água na fervura.

Tivesse calma. Não se enervasse. Fosse chamar a Guarda...

Guarda! Palavra mágica. Agora fiava-se fino. O estafermo, de crista murcha, chinfrinava flauteadamente a carpir comiseração.

Era uma pobre, uma infeliz e mais isto e mais aquilo - e muitos mais mimos da arte da lábia da raposa. - Devolvia o serviço, pois não queria problemas com a autoridade.

- Viu ao menos para onde foi o larápio? - perguntou-lhe, ríspido, o Joaquim, ainda no pico da exaltação.

- Ele meteu-se na camioneta da carreira do Pinhão - informou-o, solícita, na esperança de reaver o capital investido, em má hora.

Tão certo como ele se chamar Joaquim ia apanhar o Mãos Leves.

Embicou para a praça de táxis, a alugar transporte. Consumida uma irritante vintena de minutos, apeou-se à porta da estação.

Estacou por momentos, a remirar com os perscrutadores olhos castanhos, por amplos movimentos da cabeça a rua fronteira a indagar o paradeiro do fugitivo, sem sucesso.

Segundos depois, acedeu à sala da bilheteira, correu com o olhar os passageiros que, em fila, ordeiramente aguardavam vez para adquirirem títulos de transporte. Novo insucesso: nem sombra do figurão!

Última esperança: a gare. A passo firme, transpôs a porta. No primeiro momento os seus olhos, extasiados, fitaram os magníficos azulejos da parede, com artísticas representações vitícolas.

Ao baixar os olhos, mesmo debaixo do relógio, não é que depara com o artista!

- Ah, meu bandido que me traíste! - injuriou-o de cabeça perdida.

- Ai, perdoe-me senhor Joaquim pelas alminhas de quem lá tem....

- Qual perdão, qual carapuça! Vou já chamar a Guarda para ver se ganhas juízo.

O outro lamuriava-se.

Era pai de dez filhos, no campo não ganhava para lhes dar de comer, tinham-lhe prometido emprego no Porto, mas ele infeliz nem dinheiro tinha para o bilhete (...)

Amolecido pelas lamúrias da peça, puxou de uma nota de vinte mil réis e entregou-lha:

- Toma lá, meu fajardo: é para o bilhete, mas só de ida. Se te volto a pôr a vista em cima dou-te umas arroxadas, meu grande filho da puta.

Volvidas duas semanas o salteador regressou à aldeia. O Joaquim pregou-lhe as arrochadas? Qual quê! Pregou-lhe antes uma valente carraspana ao pagar-lhe copos de carrascão, nas tabernas de estilo.

In Passageiro do Sud Express

Prof. Pinto da Rocha



A febre de Malta

A cabra da raça maltesa é uma das mais estimadas, conquanto derive da véilha cabra da Nubia. O seu aspecto perfeito, a sua pelagem quasi tãda branca, o seu úbere bem desenvolvido e conformado, a riqueza do seu leite abundantissimo, tudo, enfim, nesta raça caprina é perfeito; e por isso a cabra da Ilha de Malta se tem espalhado por todos os países do litoral mediterrânico, embora mais ou menos inferiorizada por cruzamentos pouco felizes.

A sub-raça argelina é talvez a que menos se desviou do tipo maltês, e outras sub-raças se encontram no Sul da França, da Itália, da Grécia, de todo o litoral do mar Mediterrâneo enfim.

Tão estimada de todos os habitantes mediterrânicos, a cabra maltesa tem contudo um grave senão, que muito e muito a inferioriza — é o apresentar muitas vezes uma gravíssima doença infectuosa que se chama *febre de Malta*, *febre mediterrânica*, *melitose*, *febre ondulante*. Originária da Ilha de Malta, na sua raça caprina, a febre ondulante tem-se espalhado por tôdas as regiões para onde os caprinos da raça maltesa a têm levado e comunicado a caprinos de quaisquer outras raças e espécies, como ovelhas, carneiros, bovinos, cavalos, mulos, cães, gatos, coelhos, cobaias, galinhas, patos, ratos, ratsanas, símios ou macacos e ao próprio homem, adquirindo a doença aspectos de epizootia e epidemia brucelósica.

As cabras grávidas abortam em qualquer altura da prenhez. Há febre, prisão do ventre, outras vezes diarreia, bronquite, tosse, oftalmias (conjuntivites), mastite ou inflamação do úbere, orquite no cabrito ou no carneiro, claudicações mais ou menos extensas a um ou a todos os membros, ganglionites, artrites, paralisias, diminuição do leite e este mais ou menos alterado.

A causa desta moléstia é um micróbio, um bacilo, uma brucela, descoberta por Bruce em 1887 e estudada depois por muitos bacteriologistas, porque a doença tem alastrado por quasi todo o mundo, Europa, América, Ásia e África. O bacilo melitense vive no sangue dos doentes, saindo do organismo pelo leite, pelas urinas ou excrementos, pelo que todos os lugares habitados pelos animais atacados de febre mediterrânica ou brucelose, ficam infectados e precisam de muito enérgica desinfecção. O leite das fêmeas atacadas dêste mal tem de ser pasteurizado antes de bebido.

A mungidura é infectante. A urina infecta tudo com que contacta, porque a urina e o leite são os principais veículos da expulsão do bacilo de Bruce.

Tratamento curativo eficaz para a febre de Malta não se conhece ainda nenhum.

Tratamento profilático ou vacinal há o de Vincent, que consiste em bacilos melitenses mortos por meio do éter e injectados várias vezes sob a pele da cabra.

Como a febre de Malta já causou em Espanha e Portugal muitos prejuízos no leite e nas vidas dos doentes animais e humanos, todo o cuidado é pouco. Por isso é conveniente não adquirir nenhuma cabra sem primeiro a ter em observação aturada durante uma semana e deve-se pasteurizar sempre o leite antes de o consumir ou expor à venda. A desinfecção dos locais deve ser rigorosíssima, assim como as urinas e o sangue dos animais doentes. Consultar sempre o médico-veterinário local, se esta brucelose reaparecer entre nós.

J. V. DE PAULA NOGUEIRA,

Médico-Veterinário. Director Honorário da Escola Superior de Medicina Veterinária.

